

LEITURA COMPLEMENTAR 2: **POR UMA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS**

Fanny Abramovich

Ah! Como é importante na formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser leitor é ter todo um caminho de descoberta e de compreensão do mundo, absolutamente infinito...

O primeiro contato da criança com um texto, é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador e para um sonho rico embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com jeito de escrever de um ator e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação.

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É suscitar o imaginário a ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar outras ideias para solucionar questões – como os personagens fizeram... – é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto.

O significado de escutar histórias é tão amplo... É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, das dificuldades, dos impasses, das soluções, que todos atravessamos e vivemos, de um jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelos personagens de cada história (cada um a seu modo...). E assim esclarecer melhor os nossos ou encontrar um caminho possível para a resolução deles... É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes como a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a impotência, a insegurança e tantas outras mais, e viver profundamente isso tudo que as narrativas provocam e suscitam em quem as ouve ou as lê, com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar...

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc... sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer, e passa a ser didática, que é um outro departamento (não tão preocupado em abrir todas as comportas da compreensão do mundo)... Ouvir e ler história é também desenvolver todo o potencial crítico da criança. É poder pensar, duvidar, se perguntar, questionar... É se sentir inquieto, cutucado, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de ideia. É ter vontade de reler ou deixar de lado de uma vez...

É ficar fissurado querendo ouvir de novo mil vezes ou saber que detestou e não quer mais nenhuma aproximação com aquela história tão chata ou tão boba ou tão sem graça... É formar a opinião, é ir formulando os próprios critérios, é começar a amar um autor, um gênero, uma ideia e daí ir seguindo por essa trilha e ir encontrando outros novos valores (que talvez façam redobrar o amor pelo autor ou viver uma decepção... Mas isso tudo faz parte da vida).

Ouvir histórias é ficar conhecendo escritores – e daí ser importantíssimo dizer a criança o título do que está escutando e seu autor (se for material recolhido da cultura popular, se for autor desconhecido, que se diga também...). Faz parte da formação saber quem nos disse coisas bonitas ou encantadas ou maravilhosas ou chatas, para que a referência fique e o caminho esteja aberto para continuar mergulhando nos textos de quem se admira, para dar uma colher de chá a quem não nos envolveu tanto num primeiro contato ou para desistir (ou odiar para um outro momento da vida...) a proximidade com um escrevinhador que nos desagradou ou decepcionou...

Para contar uma história é preciso saber como se faz... Afinal, nela se descobrem palavras novas, se depara com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... E para isso, quem conta tem que criar o clima de envolvimento, de encanto... Saber dar as pausas, o tempo para a imaginação de cada criança construir seu cenário, visualizar os seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas coisas mais...

E se forem as ilustrações do livro, feitas por um desenhista, dar o tempo para que todos vejam (ou os que preferem caminhar na sua própria e pessoal ilustração, que feche os olhos...). E quando a criança for manusear sozinha o livro, que folheie bem folheado, que olhe tanto que queira, que brinque com o seu formato, que se delicie em retirá-lo da estante (reconhecendo-o sozinha... seja em casa ou na escola), que vire página por página, ou que pule algumas para reencontrar aquele momento especial que estava buscando... Se a criança não lê é porque não lhe estão contando a história ou não lhe estão apontando caminhos para o desfrute de bons e belos textos... Que existem (tantos...) e são fáceis de achar... Literatura é arte, literatura é prazer... Que a escola encampe esse lado e deixe as cobranças didáticas para os departamentos devidos... E nesse sentido, ela faz parte do leque da educação artística e não da língua portuguesa... Uma das atividades mais fundamentais, mais significativas, mais abrangentes e mais suscitadoras de tantas outras é a que decorre do ouvir e do ler uma boa história...

Referência:

ABRAMOVICH, Fanny. “Por uma arte de contar histórias” **In:** *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. SP: Scipione, 1997.